

Análise MENSAL

Macroeconomia

JANEIRO DE 2020

[Responda nossa pesquisa de opinião! Clique aqui!](#)

1. INTRODUÇÃO

O crescimento global em 2019 foi o pior da década, ficando em 2,3% devido à retração do comércio global, principalmente pela disputa envolvendo Estados Unidos e China e pelo menor investimento dos países, que passam por um período de ajuste fiscal. Segundo a ONU, 2020 promete ser um ano de maior crescimento, subindo 2,5%, segundo modelos do órgão.

O ano já começou muito bem, com o anúncio de uma primeira fase do acordo entre EUA e China, afastando parte das incertezas que dominaram o noticiário mundial durante o ano. Alguns efeitos negativos poderão ocorrer sobre as exportações brasileiras, como será visto mais adiante.

A economia europeia é a que mais preocupa: projeções do Banco Central Europeu

apresentam crescimento de 1,1%, ou seja, ainda menor que o de 1,2% em 2019. Com o potencial de aumentar seu comércio com o Mercosul, esse dado preocupa.

A economia na América Latina continua devagar, com crescimento regional de 0,6%, ante 1,2% em 2019. A previsão da S&P para 2020 não deve ser muito diferente, pois a Argentina deve apresentar uma retração na economia e puxar a região para baixo.

Já o PIB brasileiro, na última atualização da Secretaria de Política Econômica, deve fechar 2019 em 1,12% e, segundo o mesmo boletim, a expectativa de crescimento para 2020 é de 2,4%, ainda esperando uma simplificação tributária e uma reforma administrativa, que são os principais pontos para 2020.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Os Estados Unidos e a China finalmente assinaram a fase 1 do acordo comercial, que tratou da diminuição de déficit dos EUA em relação ao comércio com a China. Para a agricultura, decidiu-se que os chineses devem comprar US\$12,5 bilhões de produtos americanos.

Esse acordo deve aumentar, principalmente, a compra chinesa de soja, sorgo e trigo, com potencial de grande aumento para a importação chinesa de milho. Esse último e a soja são os que mais devem afetar o Brasil. A soja, mais diretamente, não deve sentir efeitos agora, já que a janela atual é de colheita no Brasil, e, portanto, o produto comercializado nesse início de ano será, majoritariamente, brasileiro, independentemente do acordo.

Como China e EUA foram o destino de 42% das exportações brasileiras em 2019 e 63% do saldo da balança no mesmo período, uma queda na exportação afetaria bastante a balança comercial brasileira. Outro produto muito sensível, mas que não deve ter tanto efeito no curto prazo, vez que a demanda está reduzida, são as carnes.

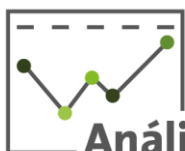
O dólar, no entanto, deve continuar fortalecido, sobretudo pela ocasião do coronavírus, que fez com que muito capital fugisse para países de moedas mais fortes e apesar de o presidente Donald Trump pedir, novamente, um corte de juros, que não deve ocorrer tão brevemente.

A União Europeia iniciou, em janeiro, o seu novo programa de trabalho, que vai utilizar cerca de €1 trilhão apenas em redução de CO₂, o que apresenta uma grande oportunidade para o Brasil. Disso, vem o conceito de bioeconomia, que trata de uma agricultura mais limpa e com alta taxa de utilização de resíduos.

A economia chinesa continua crescendo abaixo do que o mercado esperava e, apesar de resultados positivos no último trimestre de 2019, o cenário não deve mudar tanto, já que o coronavírus surgiu em uma região de grande importância econômica. Segundo dados da época da epidemia do SARS, entre um trimestre e outro houve uma retração econômica de 2%, segundo o Instituto Oxford.

Esse vírus também deve afetar bastante a economia japonesa, que estava em recuperação, visto que além da proximidade e da possibilidade de contaminação, a China é o segundo maior destino das exportações japonesas, e uma economia japonesa retraída é ruim para o exportador brasileiro, principalmente de milho, café e carnes.

A economia indiana cresceu 5%, a menor taxa em quase 10 anos, devido à diminuição de investimento privado e de consumo, em um país em que os preços mínimos da agricultura são importantíssimos e o não aumento deles ajudou a majorar a recessão. O acordo assinado com o Brasil será visto mais adiante.



Análise MENSAL

Macroeconomia

JANEIRO DE 2020

O México também sofre com a falta de investimento privado e o crescimento, já lento, deve continuar abaixo de 2%. Com o acordo com EUA e Canadá, os mexicanos também se comprometeram a ter uma nova legislação trabalhista que aumente a proteção ao trabalhador, ou seja, retracionista.

Já a Argentina deve continuar puxando o PIB regional para baixo: apesar de precisar conter os déficits, as políticas tomadas, até o momento, não indicam isso. Há ainda o risco de um novo default, que seria bem danoso à economia argentina.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus, o crescimento do PIB em 2020 teve sua expectativa aumentada para 2,31%, com o mercado ainda esperando a recuperação da economia e as sinalizações positivas acerca das reformas que o governo se propôs a fazer.

Ainda segundo esse relatório, a inflação de 2020 está estimada em 3,47%, nova redução em relação as semanas anteriores e abaixo da meta de 4,25%.

O dólar iniciou janeiro cotado a R\$ 4,02 e fechou em R\$ 4,26, devendo-se esse incremento ao aumento expressivo no número de infectados pelo coronavírus, que se repetir o que aconteceu na infecção de SARS, causará uma retração no crescimento econômico.

Apesar disso e do dólar alto o ano todo, o IICP (Índice de Inflação dos Custos de Produção) fechou 2019 com queda de 1,75%, com ênfase nos preços de fertilizantes, segundo dados da Farsul. Já o IIPR (índice de inflação dos preços recebidos pelos produtores), subiu 10,68%, em vista dos bons preços de soja e do dólar elevado.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 4,5% ao ano após a última reunião do Copom, mas alguns grupos já apostam em nova redução no início de fevereiro, o que elevaria o dólar e baratearia estoques e investimentos mais pesados por parte do produtor.

O desemprego de dezembro ficou em 11%, significando 11,6 milhões de desempregados. A expectativa para 2020 é de melhora, seguindo a ideia de um crescimento do PIB brasileiro.

As exportações do agronegócio brasileiro atingiram US\$ 96,8 bilhões, com queda de 4,3% em relação a 2018, segundo o Mapa, devido ao

Os preços do petróleo iniciaram o mês cotados a US\$ 66 o barril e caíram para US\$56,92, em virtude da reavaliação dos riscos no Oriente Médio e do surto de Coronavírus. Se essa queda gera uma redução no custo do agricultor, é ruim para produtor de cana, pelo baixo preço do combustível concorrente.

Os preços agrícolas subiram, com o índice da FAO crescendo 2,48% em dezembro, puxados pelo preço dos óleos vegetais, principalmente, devido a uma diminuição de oferta em importantes áreas produtoras, especialmente a Índia.

menor preço das commodities no mercado internacional.

A balança comercial brasileira teve uma redução no superávit de 20,5%, ficando em US\$46 bilhões. Essa queda, contudo, está longe de ser considerada ruim, pois é um dos maiores resultados do Brasil desde 1989, quando a série começou a ser calculada. A queda se deu pela crise da Argentina, importante parceira comercial do Brasil, mas o superávit se deu pela exportação de carnes e soja, que se reduziu.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, subiu 6,09% em 2019, com as commodities agropecuárias puxando o crescimento e apresentando 9,41% no ano; já as commodities energéticas, como petróleo, gás e carvão, caíram 1,82%.

O acordo entre Brasil e Índia trouxe poucas novidades para o agronegócio, pois ficou mais em acordos de pesquisa em sanidade e capacitação. Houve um acordo para o Brasil exportar gergelim para a Índia, maior consumidora mundial do grão.

Segundo o ministro de Infraestrutura, será leiloado o trecho da BR-163 entre Sinop (MT) e o porto de Miritituba (PA), para garantir que a estrada seja mantida em condições de tráfego no futuro, pois o governo não tem condição de dar uma manutenção adequada, em especial nos períodos de chuva.

Outra iniciativa buscando o escoamento da safra é a hidrovía do rio Paraguai, com a reativação do porto de Morrinhos, em Cáceres, que poderia levar a produção para o Mato Grosso do Sul e, até, chegar ao Uruguai, mas o Brasil ainda precisa evoluir na legislação existente sobre o Uso Múltiplo das Águas.